

# CRIMINALIDADE E ÉTNICIDADE NA MANAUS DA BÉLLE ÉPOQUE

PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR\*

A presença portuguesa - em maior medida - deixou reflexos na historiografia e nas memórias e imaginário das populações do Amazonas, principalmente nas de Manaus, capital do estado.

Na parca historiografia local, os portugueses têm sido ressaltados como ícones da tríade **trabalho, poupança e ascensão social**, associados também a outros símbolos como os de “hábitos sofisticados”<sup>1</sup>, civilizadores, povoadores, robustos, laboriosos, disciplinados, representações grafadas pela História, corroborando com a ideia de que o português era o que havia de melhor para ocupar e progredir a região.

Mas, o que tem sido hegemônico na historiografia e senso locais, é produto de construção de sentidos ou de “verdades” discursivas historicamente formuladas?

O enfoque dado a e/imigração portuguesa para a região, no âmbito local, vem sendo formado por modelos discursivos, estabelecendo sentidos hegemônicos, quase unísonos, pautados em mecanismos de consentimento e de proibição, às vezes de imposição, determinando o que é e não é permitido no discurso, o que será ou não será afrontoso à comunidade portuguesa e seus descendentes da região.

A produção de sentidos, resultado da experiência da e/imigração portuguesa para a região, vem deixando suas marcas, pois foram construídos em contextos de disputas de poder, de desejos, refrutando outras “verdades” de intuítos similares.

Similitudes à indolência, desregramento, covardia, desalento, malandragem e descompromisso foram traçados sobre o mesmo processo histórico. Discursos de origens diferentes, de além-mar, objetivando finalidades díspares.

## O “Sentido” na Imigração

Ao final do século XIX, o Brasil era visto como o país do amálgama das raças. Autoridades, intelectuais, cientistas nacionais discutiam as formas de transformação de “um típico país miscigenado”<sup>2</sup>. Essa percepção não se restringia aos debates internos.

Ao longo do século XIX, naturalistas - em busca da fauna e flora - veicularam suas interpretações sobre as formações étnicas, sociais e culturais brasileiras.

Na região do Amazonas, conforme o discurso dos naturalistas, a mestiçagem atingia tonalidades próprias, provocadas pela degradação do indígena, do tapuia e do caboclo.

Chama atenção o fato de que, na quase totalidade das vezes em que os viajantes referiram-se aos habitantes da região, era para enfatizar que estes eram parte dos grandes empecilhos, chegando mesmo a funcionarem como entraves para o desenvolvimento

da mesma. Este raciocínio era válido em relação a todos os tipos humanos, desde os indígenas, quer fossem destribalizados ou não, passando pelos mestiços nos seus vários cruzamentos, atingindo também aos negros [...].<sup>3</sup>

Na concepção dos viajantes europeus, o ser amazônico não correspondia à tipologia biológica e sociocultural, admissíveis para povoar, explorar e progredir a região. Na produção dos discursos, os sentidos alinhavam-se ao selvagem, primitivo, rude e preguiçoso.

O juízo, construído por antropólogos, etnógrafos sociais e demais estudiosos, frisava o grau de inferioridade intelectual do indígena e suas variantes, com aptidões muito limitadas e com difícil caminho à civilização, era a “base da pirâmide humana concebida em moldes evolucionistas”<sup>4</sup>. Para os Agassiz, o rótulo da degeneração amazônica tinha também como alicerce o não dito: a ausência do elemento caucasiano.

Outra particularidade que igualmente impressiona o estrangeiro, é o aspecto fraco e de pauperado da população. Já o havia assinalado anteriormente; mas, nas províncias no Norte (do Brasil), isto é bem mais impressionante que nas do sul. Não se trata apenas de ver crianças de todas as cores: a variedade de coloração testemunha, em toda sociedade em que impera a escravidão, o amálgama das raças. [...] É como se toda pureza de tipo houvesse sido destruída, daí resultando um composto vago, sem caráter e sem expressão. Essa classe híbrida, ainda mais marcada na Amazônia por causa do elemento índio, é numerosíssima nas vilas e nas grandes plantações.<sup>5</sup>

Anterior aos Agassiz, Martius e Spix (1817-1820) refletiram sobre a situação de “inferioridade” dos indígenas e as miscigenações resultantes, concluindo que nem as ações das autoridades, nem a cristandade – apesar dos esforços – teriam capacidade de transformar homens e mulheres amazônicos para que esses alcançassem o nível sociocultural em conformidade com os anseios locais e do estado brasileiro.

Nem os sentimentos cristãos dos reis nem a bem intencionada disposição dos estadistas, nem a proteção e poder da Igreja puderam levantar os índios do Grão-Pará do estado selvagem em que foram encontrados, para os benefícios da civilização e do bem-estar cívico; como dantes permanece essa raça rebaixada, sofredora, sem significação no conjunto dos outros, joguete dos interesses e da cobiça de particulares, um peso morto para a comunidade, que de má vontade a suporta.<sup>6</sup>

Tapuias de “qualidades físicas e morais” semelhante ao “indígena do interior”, mamelucos das cidades e nativos com “inflexibilidade de caráter”, incapazes “de se adaptar a novas situações”, “população não [...] genuinamente adaptada a região”<sup>7</sup>, essas foram algumas das conclusões de outro naturalista que diagnosticou de forma desqualificadora as populações amazônicas: o inglês Henry Walter Bates (1848 – 1859).

A inserção do imigrante europeu na região corresponderia às necessidades ocupacionais, civilizatórias e etnológicas, ilustradas por estrangeiros e aceitas – com adaptações

– por autoridades e intelectualidade locais. Mas, quais europeus e que mecanismos de atração seriam utilizados para despertar o fascínio do imigrante por uma região de aparentemente inóspita e selvagem?

Foi nessa busca pela europeização da região que os portugueses tiveram papel preponderante. Os argumentos de Augusto Ximeno Villeroy – governador do Estado do Amazonas (04.01 a 02.11 de 1890) – apresentados em comunicação premiada que procurava responder “como se deve povoar o solo amazônico”, partiam de uma avaliação negativa da população regional, salvaguardando a figura do imigrante português como representação de “ordem”, “critério” e “seleção”:

A nacionalidade brasileira resulta de uma mistura de raças, ainda não fundidas intimamente, o que será o trabalho dos séculos, de modo que etnograficamente não constituímos ainda – um povo; conseqüentemente, seria um erro aumentar a desordem existente, importando colonos a esmo, sem critério, sem seleção; portanto, para não alterar o caráter fundamental da nacionalidade nascente, convém limitar a colonização aos povos ocidentais, especialmente ibéricos [...].<sup>8</sup>

Após essas considerações gerais, concluía ressaltando o caráter arrojado e empreendedor dos portugueses e recordando que a colonização da região fora feita por Portugal, portanto, haveria uma essência cultural que facilitava a identificação mais rápida do colono com a geografia e as culturas do novo meio, evitando-se traumas maiores de adaptação. Assim, para o governador era incontestável que:

[...] esta raça preenche todas as condições para viver, crescer e progredir no meio amazonense. Inútil expender aqui argumentos para demonstrar uma verdade sentida por todos, brilhantemente atestada pela nossa história e pela pujança da colônia portuguesa da Amazônia, principal esteio do seu comércio<sup>9</sup>.

Também pelo peso das determinações eugênicas, portugueses disseminaram-se com sucesso na vida do Amazonas, sobretudo na capital: eram carregadores e catraieiros do porto, carroceiros, padeiros, vendedores ambulantes, pescadores e seus barcos, horticultores e verdureiros nos arrabaldes da cidade, pedreiros, ferreiros, carpinteiros, serralheiros e mestres de obras, que ajudaram a construir, com os seus ofícios, os prédios da cidade, além de barbeiros, bordadeiras, costureiras, lavadeiras, cozinheiras<sup>10</sup>, uma teia de relações profissionais e de sociabilidades que geraram juízos favoráveis ao imigrante português, pela similitude desse ao labor.

Essa preferência dada a muitos dos trabalhadores portugueses, em detrimento dos locais, gerava protestos, paralisações e sentimentos xenófobos. Em 1911, em Manaus, estivadores nativos, nordestinos entre outros nacionais realizaram uma série de protestos contra a crescente contração de estivadores portugueses.<sup>11</sup>

Empresas como Booth Line, Companhia do Amazonas e Armazéns Andressen, entre outras, alegavam que os estivadores portugueses tinham melhor robustez e aptidão, realizando contratações crescentes, mesmo sendo um descumprimento dos dispositivos legais contidos nos *Estatutos dos Armazéns Alfandegados*, no qual estabelecia que “os brasileiros natos são os que devem ser os preferidos para o serviço”<sup>12</sup>.

Tendo por base princípios eugênicos, que geraram e foram geradores de discursos, construindo sentidos favoráveis, associados aos créditos fornecidos e a confiabilidade hegemônica fincada na tríade: trabalho, poupança e ascensão, os portugueses realizaram investimentos, acumulando patrimônios e reforçando o senso comum na relação Significante – Significado<sup>13</sup>, na qual se solidificaram as associações **português-trabalho, português-esforço, português-acumulação material, português-sucesso**.

Sobre a exteriorização do crescimento socioeconômico e dos signos deixados por certos estratos portugueses, a historiografia local transformou-se em um mecanismo de potencialização, reforçando o ideário sobre a imigração lusa, mesmo em momentos de crise:

Quando a crise chegou, a partir de 1911, os empresários portugueses em muito contribuíram para a sobrevivência das cidades de Belém e Manaus e o seu interior, através de suas casas aviadoras, dos navios de seus armadores, dos seus armazéns de estivas e fazendas e do seu comércio de importação e exportação, em substituição às lideranças anglo-germânicas do período áureo. Não eram numerosos apenas no alto comércio das ruas Marechal Deodoro, Guilherme Moreira e Marcílio Dias, em Manaus, ou nas ruas 15 de Novembro, João Alfredo e Boulevard Castilho França, em Belém, onde se localizavam os seus principais estabelecimentos e escritórios.<sup>14</sup>

Mesmo os portugueses de menores posses tiveram suas ações perpetuadas pela História local, vendo-os espalhados “por toda a cidade, com seus estabelecimentos localizados nas esquinas das ruas da cidade”<sup>15</sup>.

Essas esquinas e *cantos* de rua constituíam pontos estratégicos para fundação e operação do mercado varejista nos ramos de *secos e molhados* e de serviços: mercearias, bares e botequins, quitandas, açougues e padarias. Muitos deles, após longos anos de diuturno trabalho, com a ajuda de suas esposas e filhos, conseguiam amealhar alguma fortuna para permitir uma viagem a Portugal, de férias, para manter os vínculos familiares dalém-mar, para educação dos filhos em escolas portuguesas, remessa de mesada para seus parentes, regressando muitos deles definitivamente às suas aldeias, onde adquiriam as suas *quintas*, deixando aos filhos, já brasileiros, a tarefa de continuar os seus negócios em [...] Manaus.<sup>16</sup>

Em regiões como o Amazonas e suas cidades, onde houve a primazia do domínio colonial português e onde também se formara uma forte comunidade lusitana, em maior quantidade inclusive, era de se esperar que essa presença fosse bastante marcante para a historiografia e memória locais. A reprodução do quadro a seguir mostra a entrada de por-

tugueses com diferença expressiva frente aos demais imigrantes, em um período de início de declínio da chegada de estrangeiros na região.

**Tabela 01**  
Imigração estrangeira no quadriênio 1908-1911

Nacionalidade	Imigrantes	%
Portugueses	9.008	46,3
Espanhóis	2.809	14,4
Ingleses	1.294	6,6
Turcos-árabes	974	5,0
Franceses e alemães	907	4,7
Italianos	830	4,3
Norte-americanos	564	2,9
Outros	3.081	15,8
<b>TOTAL</b>	<b>19.467</b>	<b>100</b>

Fonte: *Anuário Estatístico do Brasil, 1º ano (1908 – 1912), Typographia Estatística, Rio, 1916, tabela sobre Movimento Imigratório Internacional.*<sup>17</sup>

Assim, a imigração portuguesa para o Amazonas apareceu aos olhos com um sentido de verdade, incisivamente universal, ignorando – em contrapartida – outras vontades de verdade, discursos, ou contra discursos, as palavras fora do circuito do poder.<sup>18</sup>

### O Sentido da “Emigração”

Na história dos portugueses que chegaram ao Amazonas, o que possibilitaria os múltiplos olhares, a diversidade de leituras, o foco sobre as diferentes experiências foi substituído pela semelhança, pelo hegemônico, oficial, unilateral, apoiados no tripé **trabalho, poupança, ascensão social**.

No entanto, na história dos mesmos portugueses que saíram de sua pátria as perspectivas foram diferentes. Entre imigrantes e emigrantes, os estereótipos foram construídos de forma diametralmente opostos: de otimista ao pessimista, ao desbravador à covardia, da credibilidade ao descrédito, do esforço ao desânimo, do empreendedor ao desalento, da solução ao problema, de pujante a patológico, **de imigrante laborioso ao emigrante indolente**.

Por meio da coluna *Chronica da Europa*<sup>19</sup>, que trazia correspondências do Porto e Lisboa para o periódico *Diário de Manaus*, percebeu-se que havia dissonância entre as ponderações oficiais sobre a necessidade da imigração europeia para o Amazonas/Brasil, priorizada no português, e os rótulos dados ao mesmo no momento de saída de Portugal.

Até agora, havia gente para os trabalhos agrícolas que eram bem paga; para futuro é natural que também tenhamos de promover a imigração de hespanhoes que se promptificam a trabalhar por muito menos e talvez que com mais assiduidade, porque esses sabem melhor do que os nossos as cores que tem a miséria. \*

Esta tirada vem a pello, para mostrar que a imigração dos nossos agricultores não provem da miséria e da desgraça do paiz, mas dos desatinos praticados por elles. O solo é uberimo e feracíssimo e o subsolo é riquíssimo como poucos. Com menos ambição e mais senso comum, podíamos viver muitíssimo mais independentes e sermos muito mais respeitados<sup>20</sup>.

O direcionamento do texto descrito em um periódico do Porto (Portugal) é absolutamente antagônico aos escritos na imprensa brasileira, e principalmente amazonense. O emigrante passa a ser visto como representação do não-trabalho, mesmo esses sendo “bem pagos”. A construção do texto ressalta a indisposição ao labor, de tal forma que seria necessário incentivar a “imigração de hespanhoes”.

Para o periódico do Porto, copilado pelo *Diário de Manáos*, a emigração de braços em busca de novas oportunidades não se justifica ao português, pois o país não se encontra em crise socioeconômica, ao invés disso, ressalta-se toda uma dinâmica de bem aventuranças. Nesse contexto de viabilidades as explicações dadas pelo descompromisso do agricultor são os “desatinos praticados por eles”.

A ação de emigrar torna-se um delírio, um desvario, sem motivos ou propósitos, sobretudo para o agricultor, pois o solo português é fértil, pronto para ser trabalhado, com riqueza até mesmo do subsolo. Esse mesmo agricultor emigrante, idealizado pela proposta ocupacional amazonense, teve sua similitude voltada para a figura pejorativa do ambicioso, do que anseia auferir grandes lucros com pouco esforço, que não prioriza o coletivo, o nacional, o bem comum, antes busca sua cobiça pessoal, o interesse apetitoso do enriquecimento fácil. Nas descrições portuguesas sobre seus emigrados, os referenciais que englobam **trabalho, poupança, sucesso** inexistem.

Qual o sentido contido no texto?

Portugal vivia nesse momento uma tentativa de reafirmação frente à crise socioeconômica e seu principal credor: a Inglaterra. A saída em massa da figura masculina e em idade produtiva significava que os objetivos de reafirmação nacional não seriam alcançados. Logo, o contra discurso aos emigrantes.

Outro fator eram os déficits populacionais que estavam sendo gerados com a emigração, tendo em vista que os emigrantes não compunham somente de agricultores, mas de cidadãos também.<sup>21</sup>

A figura do campesino português, idealizado para objetivos de progresso, civilização e ordem no Amazonas/Brasil, passa a ser visto por uma forma burlesca em Portugal. Na coluna *Arabescos* (*Diário de Manáos*) podem-se encontrar figuras típicas das pilherias portuguesas, como o José da Cartuxa e seus familiares.

O José da Cartuxa era um dos muitos pequenos fazendeiros que há em Collares, a risonha, pittoresca e fértil villasita, que fica para lá de Cíntia, a menos de uma légua de distancia e que fornece a Portugal um dos seus mais estimados vinhos de mesa, as mais formosas melancias que se comem em Lisboa, uns pecegos, magníficos, grandes carnudos, aveludados, que podem pedir moças nos pecegos de Alcobaça: os mais afamados de terras portuguezas. [...] <sup>22</sup>.

O autor luso Gervásio Lobato continua a aventura da personagem José da Cartuxa contextualizando-o: possuidor de um terreno sito ao caminho da Praia das Maças, pequeno agricultor de uvas, pêssegos, maçãs, peras que eram vendidas no mercado de Cintra.

Sendo o trabalhador idealizado pelo discurso de reafirmação nacional português, José da Cartuxa conservava economias, que fizeram “rapidamente” aumentar seu patrimônio agrícola, “fizera dar alguma coisa”.

Contudo, o oposto cômico da personagem principal era seu pai, o centenário Manoel da Cartuxa,

esse importava-se pouco com as terras, (e possuía) um ardente amor pela ociosidade. Esse amor foi aumentando dia a dia, á proporção que o pecúlio diminuía.

Quando elle acabou de todo, o Manoel da Cartuxa viu que não tinha remédio senão tratar da existência.

Procurou então o modo de vida que mais se coadunava com o seu gênero de trabalho favorito – não fazer nada.

E encontrou-o, casando com uma lavadeira, que trabalhava por elle e por ella, e que ganhava rios de dinheiro a lavar no rio.

O Manoel da Cartuxa continuou no seu *dulce far niente*, até lhe nascer o primeiro e único filho desse enlace (José da Cartuxa)<sup>23</sup>.

Manoel da Cartuxa, após o nascimento de seu filho, interessou-se pelo trabalho, porém “em casa nunca ninguém viu as cruces do dinheiro que ele ganhava. Quem via essas cruces era o taberneiro da Várzea, e foi embalsamado em vinho que o Manoel da Cartuxa conseguiu viver até aos 102 anos”<sup>24</sup>.

O “pai” é o representante de uma geração que não se desejava para Portugal, fora da ideologia de renascimento nacional, o antigo, atraso, incivilizado. O “filho” torna-se o presente-futuro, a reconstrução de contexto socioeconômico caótico.

Todavia, quando o autor dá entender que a geração do final do século XIX portuguesa era o símbolo de um recomeço cultural e socioeconômico, o leitor é surpreendido com a imagem oculta de José da Cartuxa, o filho ícone do trabalho, economia e crescimento material é revelado um jogador inveterado, “desde o principio do anno” comprando todas as loterias cindo tostões de sortes, e nem uma só com o mesmo dinheiro”<sup>25</sup>.

Essa anedota transmite a ideia de descrédito da intelectualidade e das instituições com sua população portuguesa.

Para os contemporâneos do período da emigração, Portugal tornou-se “um país sempre adiado”, e o português, nas palavras de Jaime Cortesão, quando se trata de erguer o seu país revela uma enorme indolência. “O nosso grande mal é uma doença da vontade cujos sintomas se chamam o desalento, o pessimismo, o abandono fatalista, uma inerte covardia e a falta de confiança no esforço próprio”<sup>26</sup>.

A leitura feita sobre a intelectualidade e autoridades portuguesas, da segunda metade do século XIX, alicerça-se nas identidades criadas e projetadas sobre seus emigrantes. Os discursos construídos passaram por cima das especificidades de cada caso ou, pelo menos, de categorias de análise. O signo: **emigrante português** teve como pano de fundo similitudes, com formatos previamente estabelecidos. Paralelo ao tripé (**trabalho, poupança, riqueza**) que representava o imigrante português que chegava ao Amazonas, foi edificado sobre o mesmo emigrante luso as imagens de indolência, desperdício, miséria.

## O Discurso, o Sentido e a Significação

“[. . .]o discurso está na ordem das leis; [...]”<sup>27</sup>.

O intuito deste artigo está na análise do discurso em sua materialidade verbal ou escrita, pois esses são carregados de poderes, que produzem imaginários de perigo ou segurança, ameaça ou confiança, inquietação ou tranquilidade, sensibilidade ou indiferença, interação ou exclusão.

As palavras, principalmente quando oficiais, têm a capacidade de proliferação. Manipulada no campo das ideias, modifica hábitos, costumes, convenções sociais, padrões de conduta. Pois, os discursos produzidos são controlados, selecionados, organizados e redistribuídos, causando experiências cotidianas.

A imagem do e/imigrante português foi se desenvolvendo historicamente, chegando a significados, tendo como influência a multiplicidade de fatores contextuais: a ciência, a modernidade, as teorias sociais, o urbanismo, concepções de trabalho entre outros.

O que deve chamar a atenção foi que os signos produziram sentidos, e esses alcançaram significação, ou seja, quando se proliferou o discurso que o imigrante português era laborioso e o emigrante era indolente, uma via foi construída e na trilha desse algo que foi dito, expresso, traduzido. Portugueses lá e cá passaram a ter tipologias, características, marcas reconhecíveis.

Assim, o discurso passou a dizer o que eles eram, sendo os e/imigrantes os significantes e os estereótipos os significados, sobrepondo as identidades individuais e as diferenças.



## NOTAS

\* Pontifícia Universidade Católica – São Paulo.

<sup>1</sup> BAZE, Abrahim. *A Chegada da República*. <<http://portalamazonia.globo.com/detalhe-artigo.php?idArtigo=243>>.

<sup>2</sup> SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p.11.

<sup>3</sup> *Idem*, p.241.

<sup>4</sup> Schwarcz, *op. cit.*, p. 75.

<sup>5</sup> Costa, Hideraldo Lima da. *Amazônia: Paraíso dos naturalistas. Amazônia em cadernos*, Manaus, nº 6, pp.229-270, jan-dez. 2000.

<sup>6</sup> Costa, *op. cit.*, p.246.

<sup>7</sup> Costa, *op. cit.*, p.247.

<sup>8</sup> VILLEROY, A. X. “Como se Deve Povoar o Solo Amazônico”. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 1999, p.109.

<sup>9</sup> *Idem*, p.110.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>11</sup> Pinheiro, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros*. Manaus: Ed. UFAM, 1999.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>13</sup> Foucault, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 59.

<sup>14</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. Manaus, Valer / EDUA, 1999, p. 73.

<sup>15</sup> Benchimol, *op. cit.*, p. 73.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>17</sup> SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia: 1800 – 1920*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1980, p. 88.

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 20.

<sup>19</sup> *Diário de Manaus. Chronica da Europa*, 02 de julho de 1891, Laboratório de Imprensa da UFAM.

<sup>20</sup> *Diário de Manaus, Chronica da Europa*, Manaus, 02 de julho de 1891, Laboratório de Imprensa da UFAM.

<sup>21</sup> ALVES, Jorge Fernandes. “Atalhos Batidos - a emigração nortenha para o Brasil”. *Atalaia* - Revista do Cictisul (Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa). <<http://www.triplov.com/atalaia/alves.html>>.

<sup>22</sup> *Diário de Manaus*. “Arabescos: Uma tragédia. O defeito de José da Cartuxa”. Manaus, 10 de julho de 1891, Laboratório de Imprensa da UFAM.

<sup>23</sup> *Diário de Manaus*. “Arabescos: Uma tragédia. O defeito de

José da Cartuxa<sup>23</sup>. Manaus, 10 de julho de 1891, Laboratório de Imprensa da UFAM.

<sup>24</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>25</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>26</sup> CORTESÃO, Jaime. “Da Renascença Portuguesa e seus Intuito”. In: ALVES, *op. cit.*, p. 4.

<sup>27</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Traduzido por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 7.

